

CORPO E SUBJETIVAÇÃO: UM OLHAR PELA ÓTICA DE FOUCAULT

Josivan José da Silva³¹

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir como, para Foucault, se entrelaçam a questão corpo, poder e subjetivação. A questão do corpo social não nasce de um consenso, mas da materialidade do poder que é exercido sobre o próprio indivíduo. Portanto, o que vai prevalecer no pensamento do francês não é a questão universal, e sim, a subjetivação do sujeito enquanto indivíduo. O século XVIII é conhecido como o século das luzes com a ascensão do pensamento iluminista que reconfigurou o mundo no âmbito social, político e científico. Mas, a partir do momento que o sujeito adquire consciência de seu corpo e passa a dominá-lo pelo seu poder sobre ele, o efeito produzido por esse poder será chamado de consciência e trará consequências diretas. O que Foucault vai pontuar é que vai se desenvolver justamente uma sequência de luta; o corpo tornando-se aquilo que está em jogo, como uma luta entre indivíduos e Instituições. Para esta investigação será utilizada a obra: *Microfísica do Poder*, do filósofo francês, Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Corpo. Poder. Subjetivação.

1 INTRODUÇÃO

Michel Foucault (1926 – 1984), viveu na França, foi um filósofo, historiador, teórico social, crítico literário e também professor da Cátedra história dos sistemas do pensamento, do colégio de France, de 1970 a 1984. Ele trabalhou com afincos questões relativas às subjetividades, enfatizando a importância daquilo que se dá nas pessoas por meio de suas particularidades e singularidades, enxergando o ser humano a partir daquilo que lhe constitui e, o que o constitui é a própria história, a própria vida. Com efeito, ele percorre caminhos que nos direcionam a uma visão mais detalhada sobre aquilo que vai constituindo a atuação de cada um em sociedade e, a partir das suas análises buscaremos de forma aclarada ampliar nossa compreensão ao que Foucault analisa sobre corpo e subjetivação.

³¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Conforme Foucault, a questão do corpo não passava somente pelo ideal político, no corpo social também teria que ser considerada a subjetivação. Ele entende, que nada é mais corporal do que o exercício do poder. O filósofo francês faz uma distinção para com alguns teóricos que dão à noção de repressão uma importância exagerada. Na sua visão, o poder não tem só a função de reprimir, de impedimento, uma forma negativa, pois assim, se tornaria muito frágil, pelo contrário, ele é forte, quando produz efeitos positivos a nível do desejo e do saber. Foucault, faz então uma oposição entre o macro poder e o micro poder. O macro, exercido pelo o Estado e, o micro, por aqueles que são, por exemplo, os professores, pais, líderes religiosos, etc. Assim, é preciso, conforme nosso autor, construir uma arqueologia das ciências humanas.

Buscar-se-á compreender como o filósofo, por meio de uma analogia ao mosaico, explica como funcionam as ações desses agentes, a saber: pais, professores, Estado, etc. Desta feita, coloca como, por exemplo, a filantropia no início do século XIX, quando pessoas se ocupavam com políticas assistencialista.

Portanto, Foucault, primeiro, analisa o contexto que havia no começo das sociedades industriais (século XIX), como se dava a relação entre os considerados normais e os anormais perante o aparelho punitivo, dispositivo de seleção do Estado e, dessa forma, faz um estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos e etc.

2 FOUCAULT E A REFLEXÃO SOBRE O PODER

O autor nos traz uma reflexão na perspectiva de nos mostrar como as relações de poder nos envolvem e nos inserem em seus respectivos contextos. Ele nos conduz à compreensão de que o poder não fica detido ao olhar impositivo. Nem mesmo pode ser considerado como violência ou repressão. “A ideia básica de Foucault é mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência, nem são basicamente contratuais nem unicamente repressivas” (FOUCAULT, 1989, p. 15).

Desta forma, precisa-se entender o papel do macro poder na vida dos sujeitos em sociedade, bem como ser observado o efeito positivo deste que acaba sendo um instrumento de transformação. Nisso, vamos percebendo e entendendo cada vez mais através do pensamento do filósofo francês, que o poder não nos chega, tão somente, pelas formas impositivas.

O que suas análises querem mostrar é que a dominação capitalista não conseguiria se manter se fosse exclusivamente baseada na repressão. Sabemos que não existe em Foucault uma pesquisa específica sobre a ação do Estado nas sociedades modernas. Mas o que a consideração dos macros poderes mostra, em todo caso, é o aspecto negativo do poder – sua força destrutiva – não é tudo e talvez não seja o mais fundamental, ou que, ao menos é preciso refletir sobre seu lado positivo, isto é, produtivo, transformador (FOUCAULT, 1989, p. 16).

Michel Foucault vai esclarecendo as dinâmicas dos mecanismos que vão promovendo o jogo no qual o sujeito está inserido e participa diretamente a partir de sua subjetivação. Por assim dizer, tal sujeito se encontra nessa luta constante das reivindicações do corpo, vivenciando essa contrapartida com o poder. Assim sendo, o filósofo francês teoriza acerca da relação entre poder e conhecimento enfatizando como estes são usados para o controle social através das Instituições. De forma, que ele faz uma distinção entre o poder visível (aqueles exercidos pelas instituições) ou o micro poder (aqueles exercidos por aqueles que exercem algum tipo de contato conosco) como, por exemplo, pais, professores, etc., que representam tal poder. Contudo, o que ele coloca para nós, é que os mecanismos de controle social, em função desse micro poder, eles são racionalizados, podem ser menos visíveis porque não se tem a percepção deles; eles seriam na prática como parte de uma sociedade disciplinada.

3 CORPO: UMA SEQUÊNCIA DE JOGOS E LUTAS

Para abordar a temática do corpo, têm-se, que se desencadear e perceber uma sequência de luta, colocando como exemplo, o erotismo. O corpo tornou-se aquilo que está em jogo. Partindo disso, é imposto o medo sobre as crianças a partir de suas famílias

surgindo, então, o controle, a vigilância. Com isso, a revolta do corpo sexual é o contra efeito desta ofensiva. Nesse sentido, a resposta do poder será através de uma exploração econômica e, talvez até ideológica de erotização. Em virtude disso, Foucault nos mostra como resposta à revolta do corpo, um encontramos um novo investimento que não terá mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação.

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra efeito dessa ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado”. A cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro (FOUCAULT, 1989, p. 147).

Para esse pensador nada é tão corporal quanto o exercício do poder. Ele não via linearidade nos efeitos do poder ao nível da ideologia. Assim, prefere voltar-se para as questões do corpo compreendendo que era algo mais materialista. Nessa percepção, o que mais lhe incomodava seria o fato de privilegiar a uma ideologia e se sobrepôr ao sujeito humano.

O objetivo é neutralizar a ideia que faz da ciência do conhecimento em que o sujeito vence as limitações de suas condições particulares de existência instalando-se na neutralidade objetiva universal e da ideologia um caminho em que o sujeito tem sua relação com a verdade perturbada, obscurecida, velada pelas condições de existência (FOUCAULT, 1989, p. 21).

Portanto, Foucault coloca que é pelo o estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é possível construir uma arqueologia das ciências humanas. Por isso, o nosso autor faz uma analogia ao mosaico na tentativa de exemplificar como funcionam as ações desses agentes. Para tanto, coloca a filantropia no início do século XIX, na qual as pessoas se ocupavam em cuidar da vida dos outros, da saúde, da alimentação, da moradia entre outros afazeres. Dessa forma, mais tarde,

surgem personagens, Instituições, saberes como, por exemplo, assistentes sociais, psicólogos e etc., todavia, para ele é algo extremamente complexo porque há uma formação sutil de distribuição em seus mecanismos de controles recíprocos, seus ajustamentos porque tudo tem que ser pensado em conjunto.

4 PODER E SUBJETIVAÇÃO

Segundo (Freire, 1999, p. 43), “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Portanto, o que vai prevalecer não é a questão universal, mas subjetiva. A partir desse pensamento, Foucault aponta uma grande dificuldade de olhar para o indivíduo e suas subjetividades. Para ele, havia uma busca por um olhar universal, não individual.

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível construir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (FOUCAULT, 1989, p. 149).

Conforme (Foucault, 1989, p. 149), “O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vem de todos estes vínculos”. Então, a questão do corpo social não nasce de um consenso, mas da totalidade do poder que é exercido sobre o próprio indivíduo. Ele pontua que o sujeito adquire consciência do seu próprio corpo e passa a dominá-lo pelo seu poder sobre este, isso vai produzir um efeito – que acarretará a busca pelo corpo sadio; partindo daí a exaltação pelo belo, pela musculação, exercícios, ginástica, a nudez.

De fato, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós, é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, vincula o poder. O poder não tem por função única reproduzir as relações de produção. As redes de dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apoiam, e interferem uns nos outros, mas não coincidem (FOUCAULT, 1989, p. 160).

Desse modo, o efeito produzido pelo poder dessa consciência trará consequências diretas que são as reivindicações de seu próprio corpo contra o poder como, por exemplo, saúde contra a economia e o prazer contra a moralidade. Nessa perspectiva, as relações de poder estão em pontos diferentes da rede social e são úteis por, de fato, não estarem somente a serviço de uma Instituição, de uma economia ou de um sistema, mas por se apresentarem, também como (práticas de liberdade) que se estabelecem na luta, no embate e, neste, a possibilidade de superação dos limites e da perspectiva de mudanças para o indivíduo. Com isso, o poder permite uma abertura em que determinadas relações propiciam para a construção da livre subjetividade, não sendo possível separar poder de liberdade.

Segundo Hegel, na fenomenologia do Espírito,

O senhor se relaciona mediante com o escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é a sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua independência na coisidade. O senhor, porém, é a potência sobre esse ser; ora, esse ser é a potência que está sobre o outro; logo, o senhor tem esse outro por baixo de si: é este o silogismo [da dominação] (HEGEL, 1992, p. 130).

Dessa forma, considerando a questão histórica e filosófica, têm-se, o historicismo de Hegel apontando para uma razão na história, como a possibilidade de efetivação do espírito, a saber, a operosidade humana compreendida sob o signo da civilização, um movimento contínuo de desenvolvimento da consciência e da liberdade condizentes com as perspectivas e esperanças daquele período histórico. Todavia, ao estabelecer essas ideias, tais pensadores chegaram a produzir uma separação das funções do historiador e do filósofo a partir do momento em que difundiram a ideia de uma historiografia universal, entretanto, o historicismo não é, quando desta forma considerado a via da história efetiva, pois apresenta o nascimento da história por uma conceituação filosófica, uma abstração, de modo que, segundo essa concepção, a espécie humana segue um caminho ascendente guiada por esse saber absoluto do qual ele é apenas um movimento.

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética: O domínio, a consciência de seu próprio corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 1989, p. 146).

Enquanto para Hegel, a dialética é responsável pelo o movimento em que uma ideia sai de si própria (tese), para outra coisa (antítese) e depois retorna à sua identidade se tornando mais concreta (síntese). Para Foucault, é a partir da percepção consciente sobre o seu corpo e, assumindo o controle sobre suas ações que se abre esse processo de constituição e construção de identidade do sujeito e sua subjetivação.

Tendo como efeito a constituição da construção de uma identidade. Pois minha hipótese é de que o indivíduo não é dado sobre o qual se exerce ou se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade fixada em si mesmo, é produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças (FOUCAULT, 1989, p. 162).

Foucault, entendia que a questão não passava somente pelo o ideal político, mas esse corpo social também teria que ser valorizado nas questões subjetivas. Portanto, a subjetivação é para o pensador, sem dúvidas, relevante e indispensável. Ficando claro, então, pela sua ótica que todo sujeito está se construindo e reconstruindo a todo momento, num movimento constante e não linear, mas passível de ser afetado pelo seu meio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos expor algumas das principais questões e pressupostos referentes à dinâmica envolvendo Foucault, o corpo, o poder e a subjetivação existentes nas suas relações. A partir da obra: *Microfísica do Poder* de Foucault. Esta discussão envolve questões como corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças que

desempenha uma função crucial para a compreensão de suas abordagens. Buscamos mostrar que Foucault possibilitou grandes contribuições filosóficas, pois além de propor uma estrutura de pensamento não tradicional, traz uma nova visão da nossa percepção sobre o sujeito e os movimentos que ocorrem para este subjetivar-se.

Pensar o corpo, o poder e a subjetivação desencadeou novas possibilidades de pensar sobre como a extensão nos permite uma abertura de diálogo a um pensamento que nos possibilita discussões importantes e necessárias, pois podemos perceber que há uma importante e fundamental relação entre o corpo, o poder e a subjetivação e não apenas uma abordagem superficial, mas uma rede de relações necessárias.

Com Michel Foucault, podemos avançar em uma pesquisa que foge da linha repetidora de padrões que possuem olhares superficiais. Dessa forma, temos a oportunidade de perceber que as estruturas do ser humano estão entrelaçadas com a natureza de um sujeito que carrega sua subjetivação. Portanto, essa discussão é de suma importância porque nos permite aumentar os nossos conhecimentos sobre o filósofo francês e as suas premissas filosóficas, mas também nos assegurou uma melhor compreensão sobre o que foi pautado quando nos aprofundamos num olhar pelas lentes desse filósofo. Ademais, me dou por satisfeito com este ensaio que trouxe a proposta de clarear nosso pensamento e reflexões acerca de um objeto tão pertinente, além da satisfação no percurso de uma pesquisa que nos proporcionou significativos ganhos no nosso processo de aprendizagem e nos causa o desejo de um aprofundamento ainda maior.

7 REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HEGEL, Friedrich. **Fenomenologia do Espírito Parte I**. Tradução de Paulo Meneses. 2ª ed. Petrópolis, Éditions Montaigne, 1946.

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa. **Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação** / Maria Veralúcia Pessoa Porto. — João Pessoa, 2017.